

Octavio Ianni, marxista convicto e confesso.

André Santos, Deni Rubbo, Diogo Valença, Rodrigo Castelo (org.)

Além de ser um dos fundadores da Sociologia no Brasil, Octavio Ianni (1926-2004) é, sem sombra de dúvida, um dos mais competentes e rigorosos intelectuais marxistas da sociedade brasileira. Soube utilizar, de forma consistente e totalizante, o método dialético, o materialismo histórico e a análise das classes sociais para elucidar – sem qualquer dogmatismo – temas caros à nossa realidade social. Em uma trajetória complexa e multifacetada, se tornou um dos grandes analistas do nosso país, ao lado de nomes como Caio Prado Júnior, Carlos Nelson Coutinho, Clóvis Moura, Emília Viotti da Costa, Florestan Fernandes, Heleieth Saffioti, Jacob Gorender, Leandro Konder, Mário Pedrosa, Nelson Werneck Sodré, e Vania Bambirra, dentre tantas e tantos outros.

O jovem Ianni, ingressante aos 23 anos na turma de 1949 do curso de Ciências Sociais da antiga Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), era um rapaz “ensimesmado”, “modesto” e “curioso” nas palavras do grande mestre e amigo de toda a vida Florestan Fernandes. Ambos compartilhavam, ainda, a origem humilde e as dificuldades financeiras para concluir o ensino superior. De certa forma, Florestan Fernandes reconhecia-se em Octavio Ianni. O estudante vindo de Itu no interior de São Paulo chegou mesmo a interromper o curso por dois anos. Período no qual se casou com Eline e desempenhou trabalhos manuais como assistente de editora na Companhia Editora Nacional, e como tipógrafo em Osasco. Realidade bem diferente da maior parte dos colegas da Faculdade de Filosofia, muitos deles oriundos de famílias tradicionais paulistanas ou de imigrantes de classe média (RODRIGUES, 2011).

Do curso terminado em 1954 algumas marcas que irão compor a personalidade do grande sociólogo que iria se tornar: a perseverança em enfrentar os obstáculos (materiais e intelectuais) e a opção pelo povo negro e pela classe trabalhadora da cidade e do campo. Segundo Antonio Candido, eram características essenciais do amigo: “a coerência, o senso do dever, a constante preocupação política, em sentido largo. Esta preocupação norteava as suas ideias e as suas atitudes, fora dos partidos, mas dentro dos interesses mais legítimos da coletividade” (CANDIDO, 2005).

Para tanto, a participação no famoso Seminário d’ *O Capital*, ou simplesmente Seminário Marx, seria essencial. O grupo multidisciplinar de recém-professores era formado inicialmente por José Arthur Giannotti (filosofia), Fernando Novais (história),

Ruth Cardoso (antropologia), Paul Singer (economia), Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso (sociologia) e dele também fizeram parte, com “estatuto de aprendizes”, alguns estudantes como Roberto Schwarz (crítica literária), Bento Prado Júnior (filosofia), Francisco Weffort (ciência política) e Michael Löwy (sociologia) (SCHWARZ, 1999).

A influência do Seminário não tardou a se fazer presente nas formulações intelectuais do cientista social Octavio Ianni que iniciou ali um processo fecundo de análise da realidade social brasileira a partir da perspectiva marxista. Visão que o autor criativamente elaborou e reelaborou ao longo de toda a sua obra num processo de busca de uma totalidade histórica da realidade social, política, econômica e cultural do país.

Nessa trajetória, integrou o corpo de assistentes na cadeira de Sociologia I, da qual Florestan Fernandes era o titular e participou da chamada Escola Paulista de Sociologia, que traçou um panorama novo sobre o preconceito racial e formulou uma agenda específica de estudos sobre o subdesenvolvimento, o Estado e classes sociais no Brasil. Aposentado arbitrariamente por ato do MEC, baseado no Ato Institucional nº 5 (AI-5) – em 29 de abril de 1969 –, foi alijado de suas funções docentes e de pesquisador na USP. Mais tarde, passou a integrar a equipe de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), fundado em maio 1969 e ao qual Ianni se integrou no início da década de 1970.

Construiu uma agenda diversificada e abrangente com fases e temáticas bastante diferentes – todas elas essenciais – que seria inviável dialogar com cada uma delas nesta pequena apresentação ao seu Dossiê. Optamos, nesse sentido, por um recorte destacando algumas obras da sua sociologia política marcada por intervenções escritas “no calor da hora”, como *Política e revolução social no Brasil* (1965), organizada em parceria com Gabriel Cohn, Paul Singer e Francisco Weffort, e *Estado e capitalismo* (também de 1965), ambas produzidas no contexto do golpe de 1964, e o clássico *O colapso do populismo no Brasil* (1968) elaborado na conjuntura de endurecimento da ditadura e do AI-5.

Em *Estado e planejamento econômico no Brasil* (1971), constata-se o pioneirismo de identificar o Estado brasileiro edificado pela ditadura militar como um Estado fascista. O desenvolvimento socioeconômico brasileiro, as relações entre Estado e capitalismo e o populismo no Brasil e na América Latina são o foco de *A formação do Estado populista na América Latina* (1975). Em especial, Florestan Fernandes destacou as implacáveis investigações de Ianni acerca do Estado:

(...) como instituição em processo de racionalização, de concentração da violência burguesa interna e supranacional, ou como agente de modernização constante da dominação de classe e da diferenciação da sociedade de classes no Brasil (FERNANDES, 1995, p. 108).

Por fim, duas obras-primas da sua sociologia política crítica, elaboradas no auge da maturidade intelectual, *O ABC da classe operária* (1980) e *A ditadura do grande capital* (1981), investigações também concebidas “no olho do furacão”. A primeira é um retrato da emergência política dos movimentos sociais e da nova classe operária gestada ao longo da década de 1970; a segunda, a análise radical da ditadura brasileira numa perspectiva dialética, tanto das ações de dominação do Estado ditatorial, como da resistência da classe trabalhadora, numa análise primordial das classes sociais no Brasil.

Compreendendo de forma coerente a metodologia dialética, Octavio Ianni, esse “marxista convicto e confesso” a exemplo de Jose Carlos Mariátegui, soube de forma sábia, equilibrada e inconformada utilizar o arcabouço socialista de pensamento para dar sentido à realidade social brasileira perversa, excludente e violenta. Foi ainda, nos anos 1970, professor visitante e conferencista na Universidade Autônoma do México, nas universidades de Columbia e Dartmouth, nos Estados Unidos, na Oxford University, Inglaterra, na Universidad Complutense e Autônoma de Madrid, Espanha e Università di Pisa e Università di Sassari, Itália. Durante o seu exílio, sua produção alçou voos internacionais, tendo publicado livros nas línguas espanhola, italiana e inglesa.

No retorno ao Brasil voltou a lecionar em 1977 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em 1986 voltou à universidade pública como professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Tanto na USP como na Unicamp recebeu o título de Professor Emérito, além dos títulos de professor *Honoris Causa* da Universidade de Buenos Aires (UBA) e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Foi um dos intelectuais mais influentes do Brasil e, na década de 1990, sua pesquisa se concentrou na crítica à globalização, enquanto nova face do capitalismo “como modo de produção e processo civilizatório”. Desta última fase ganhou, ainda, dois prêmios Jabuti na categoria Ensaio com o livro *A sociedade global* (1992) e na categoria de Ciências Humanas com o livro *Teorias da globalização* (1996).

Com o livro *Enigmas da modernidade-mundo* (2000) recebeu o prêmio de Ensaio, Crítica e História Literária da Academia Brasileira de Letras, assim como o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira de Escritores, como intelectual do ano em 2000. Sua biblioteca

particular foi doada em 2002 à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (FCL/Unesp), Câmpus de Araraquara, pelo próprio sociólogo, que veio a falecer de câncer em São Paulo aos 77 anos no dia 04 de abril de 2004.

Referências

CANDIDO, Antonio. Octavio Ianni: um homem justo. Revista de crítica literaria latino-americana. Año XXXI, nº 61. Lima-Hanover, 1er. Semestre de 2005, pp. 203-205.

FERNANDES, Florestan. Octavio Ianni: o encanto da vida. In: *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, L. M. A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” em São Paulo (1958-1978). Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário de Marx. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.